

DIMENSÃO TEOLÓGICA NA OBRA DE PAULO FREIRE

THEOLOGICAL DIMENSION IN PAULO FREIRE'S WORK

Paulo Rodrigues do Espírito Santo¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir o quanto de teológico está presente na obra de Paulo Freire. Para este fim, utilizei três das principais obras de Paulo Freire: *Pedagogia da Esperança*, *Pedagogia do Oprimido*, *Pedagogia da Autonomia*. Observamos ainda que, durante a leitura desses três livros, quatro áreas de estudo (Ética, Educação, Liberdade, Cultura) se mostraram evidentemente explícitas, as quais direcionaram a organização desse trabalho. Procuramos examinar cada exposição teológica que havia nestes livros.

Palavras-chave: Teologia. Ética. Educação. Liberdade. Cultura.

ABSTRACT

This work aims to reflect how much theological is present in Paulo Freire's work. For this purpose, I used three of Paulo Freire's main works: *Pedagogy of Hope*, *Pedagogy of the Oppressed*, *Pedagogy of Autonomy*. We also observed that, while reading these three books, four areas of study (Ethics, Education, Freedom, Culture) were evidently explicit, which guided the organization of this work. We tried to examine every theological exposition in these books.

Keywords: Theology. Ethic. Education. Freedom. Culture.

1. INTRODUÇÃO

A História mostra que na Grécia o homem não foi capaz de se satisfazer com explicações sobrenaturais através de religiões e filosofias, as quais prometiam que suas necessidades espirituais seriam saciadas (CAIRNS, 1995, p. 31-34). Séculos mais tarde, com o desenvolvimento do pensamento científico para a explicação de fenômenos naturais, muitos pensadores e cientistas deixariam paulatinamente suas buscas no campo da teologia (MARTINS, 2004, p.16-17).

¹ Teólogo pela Escola Superior de Teologia RS – EST (2010), Bacharel em Direito pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Igarassú PE – FACIG (2015), MBA em Gestão de Pessoas pela Faculdade Escritor Osman da Costa Lins – FACOL (2011), Mestrando em Teologia pela Yve Enber Philosophy University – Flórida

O pensamento filosófico do século XVII contribuiu para popularizar os avanços do pensamento científico. Para Francis Bacon (1561-1626), por exemplo, a teologia deixaria de ser a forma norteadora do pensamento. A autoridade, que exatamente constituía um dos alicerces da teologia, deveria, em sua opinião, ceder lugar a uma dúvida metódica, a fim de possibilitar um conhecimento objetivo da realidade (MARTINS, op cit).

Contra esses levantes históricos, felizmente, a parceria entre a ciência (em suas muitas áreas de estudo) e a teologia, mesmo que de forma tímida, ainda hoje é explorada.

Nesse ponto, destacamos o educador Paulo Freire. Observando suas obras é possível encontrar uma série de elementos teológicos. Freire conseguiu, sem nenhuma pretensão teológica, fazer com que muito da sua pedagogia tivesse princípios da essência cristã. Em seus estudos se traduzem implicitamente ensinamentos bíblicos².

Com base na pesquisa feita para a realização desse trabalho, salientamos que a relação entre pedagogia e teologia fica bem íntima nos escritos de Freire. Todavia, consideramos este trabalho como um ensaio em relação ao que pode ainda ser explorado na obra de Paulo Freire em sua total dimensão nesse sentido. Ainda assim, poderemos nos deleitar em conhecê-lo através dessa ótica teológica.

O presente artigo é um recorte do trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em Teologia, pela Escola Superior de Teologia RS – EST, no ano de 2010.

2. EVIDÊNCIAS DA TEOLOGIA EM PAULO FREIRE POR ÁREAS DE ESTUDO

2.1 Ética

Num encontro internacional de ONGs, o expositor afirmou que as crianças do Terceiro Mundo doentes de diarreia não deveriam ser salvas para poupá-las de terem “uma vida já destinada à miséria e ao sofrimento” (1996 apud FREIRE, 1996, p. 15). A respeito desse tipo comportamento, Paulo Freire contestou, como segue:

Não falo, obviamente, dessa ética. Falo, pelo contrário, da **ética universal do ser humano**. Da ética que condena o cinismo do discurso citado acima, que condena a exploração da força de trabalho do ser humano, que condena acusar por ouvir dizer, afirmar que alguém falou A sabendo que foi dito B, [...] (FREIRE, 1996, grifo nosso)

² As referências Bíblicas contidas neste trabalho são extraídas da ALMEIDA, João Ferreira de. **A Bíblia Sagrada**. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1970.

Notemos que a ética freireana é a *ética universal do ser humano*. A disfunção disso gera uma série de ações egoístas no meio da sociedade, como “[...] falsear a verdade, [...] golpear o fraco e indefeso, [...] prometer sabendo que não cumprirá a promessa, testemunhar mentirosamente, falar mal dos outros pelo gosto de falar mal [...]” (FREIRE, 1996).

Definindo sua ética de maneira precisa, Paulo Freire ressalta a importância de deixar de lado a hipocrisia *puritana* e encarar o desafio de uma transformação no comportamento humano. Segundo Freire (1996) “Uma das nossas brigas na História, por isso mesmo, é exatamente esta: fazer tudo que possamos em favor da eticidade, sem cair no moralismo hipócrita, ao gosto do reconhecimento farisaico”.

A ética de que falo é a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais como na perversão hipócrita da *pureza* em *puritanismo*. A ética que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe (FREIRE, op cit).

Essa “mudança de mente” no Novo Testamento é descrita na palavra *metanóia* (do grego *μετάνοια*) que, por sua vez, é a palavra usada para descrever *arrepentimento* na Bíblia. Assim, atrevo-me a usá-la para ilustrar esse tocante da ética freireana declarando que, quando o homem entende os princípios *éticos* pelos quais ele deve trilhar, e os pratica, ele poderá ser considerado *arrepentido* da sua antiga vida e pronto para abraçar uma *nova vida*.

Para Freire (1996) isso é possível na medida em que acreditamos no ser humano como um ser individual, não um produto do meio. Nisto a Bíblia concorda quando diz que o homem foi criado por Deus³. Como *Sua imagem e semelhança*, compreendendo o mundo a minha volta, sou automaticamente responsável pelo que faço. Se, então, temos esse poder de sermos *éticos*, isto confirma os valores divinos que temos na nossa formação original, como também, sabendo disso, reafirma o compromisso que nos é imposto na prática deles, apesar da dificuldade que temos por causa da nossa natureza pecaminosa.

2.2 Educação - Humanização através da Educação

Segundo Freire (1996), formar o cidadão não significa o professor transferindo conhecimentos dando forma aquele, “mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

³ Gn 1:26,27

Ensinar inexistia sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. (FREIRE, 1996)

Dessa maneira, o ser humano é valorizado. Percebe-se então o indivíduo tratado como tem algo para contribuir, somar para a humanidade. Não como um instrumento para o *formador* utilizá-lo, usufruí-lo no sistema já estabelecido. Mas como uma pessoa que pode romper com este mesmo sistema e adicionar suas impressões pessoais, dando *sentido* a este mundo necessitado de sua intervenção. O relato de Gisela Streck sobre a educação na época da Reforma Protestante reforça essa afirmação.

Grupos ligados à própria Reforma afirmavam que não era preciso saber ler e escrever para ser cristão, pois a palavra de Deus era transmitida e recebida diretamente pelo Espírito Santo.

Lutero reagiu diante desta situação e se posicionou: estava claro que o novo contexto social exigia uma nova educação. Ela deveria atender às novas exigências da sociedade, que necessitava de pessoas capacitadas para gerenciar as questões pertinentes à nova realidade econômica, política, social e eclesial. Lutero, como teólogo, se posicionou a respeito das questões educacionais a partir da sua teologia e elaborou textos em que conchama os conselhos municipais e os pais para que se empenhem pela criação e manutenção de escolas, responsabilizando as autoridades e a família pelo ensino das gerações mais jovens e propondo uma reforma do sistema educacional. (STRECK, 2005, p. 45)

A respeito de elementos bíblicos que relatam a intervenção do homem no mundo, destacamos, primeiramente, a missão de colocar o nome dos animais, inclusive da mulher⁴. O homem, criado à imagem e semelhança de Deus, agora tinha uma tarefa dada por Deus de *imprimir* na criação sua marca. Deus não o forçou no que ele devia fazer. Ele deu a oportunidade do próprio homem *andar com suas próprias pernas*. O homem então mostra que é também um ser ideológico. Não dependente de Deus no que se refere a estar toda hora perguntando o que deve fazer. Ele é capaz, já a sua capacitação vem de Deus que o criou à sua imagem e semelhança.

Por que não exemplificar com os discípulos de Jesus? Cada um tinha sua cosmovisão, esperança, ânsia, objetivo. Uns tinham um *background* parecido, como o grupo de pescadores, por exemplo. Outros, no passado, tiveram uma experiência privilegiada ante a economia da época como o cobrador de impostos Mateus. Jesus tinha uma escola de doze alunos, doze mentalidades diferentes. E ele soube entender

⁴ Gn 2:19,20,23

bem a cada um deles. Procurou atendê-los nas suas dúvidas e necessidades, e então distribuir bem uma tarefa a todos eles.

Os discípulos não precisaram deixar suas personalidades para pregar as boas novas de Salvação. Pedro não deixou de ser sanguíneo. O evangelho foi pregado com as marcas pessoais de cada discípulo de Cristo. Enfim, em suas particularidades todos eles eram importantes para Jesus.

2.2.1 O papel da pergunta

Diante disso, a questão da importância da *pergunta* é relevante. Como não ter dúvidas? O ser humano vive num questionamento perpétuo sobre tudo que existe. É a pergunta que nos impulsionará para atravessar as barreiras do conhecimento. Segundo Freire (1995 apud Wachs et al, 2007, p. 127), “Sem a curiosidade que nos torna seres em permanente disponibilidade à indagação, seres da pergunta – bem feita ou mal fundada, não importa – não haveria a atividade gnosiológica, expressão da possibilidade de conhecer”.

A pergunta também desempenha um eficiente papel na pedagogia de Cristo.

Também na pedagogia de Jesus a pergunta tem um papel central. A uma pergunta feita por um intérprete da lei, Jesus retribui-lhe não com uma resposta pronta, mas com duas perguntas, as quais o intérprete da lei mesmo responde. Não se dando por satisfeito, o intérprete continua perguntando, ao que então Jesus lhe passa a contar uma história. Concluída a parábola Jesus lança-lhe outra pergunta, ao que o intérprete responde, tirando sua própria conclusão. A partir desse exemplo de Lucas 10.25-37, arrisco afirmar que a pedagogia de Jesus se caracteriza por excelência com uma pedagogia da pergunta. (Wachs et al, 2007, p. 128)

A metodologia do ensino toma um lugar importante nesse sentido. O educando deve saber argumentar suas ideias com segurança. Educar o aluno é também ensinar que ele tem ideias valiosas, e estas devem ser defendidas. A defesa das ideias pode encontrar oponentes vigorosos. Independente disso, o comportamento do idealizador deve ser seguro, porém passivo.

O clima de quem pensa certo é o de quem busca seriamente a segurança na argumentação, é o de quem, discordando do seu oponente não tem por que contra ele ou contra ela nutrir uma raiva desmedida, bem maior, às vezes, do que a razão mesma da discordância. (FREIRE, 1996)

Jesus diante dos fariseus que lhe trouxeram a mulher adúltera para impor o julgamento da lei de Moisés, esteve empossado desse mesmo clima. Ele sabia que

poderia citar a lei como deve ser feito, chamando os dois (homem e mulher) para serem apedrejado. Sua pregação, no entanto, era de que eles deveriam refletir que as pessoas merecem perdão pelo que fazem. Os que acusavam eram também pecadores e não tinham moral para condená-la. Então, num gesto seguro de argumentação, com um tom reflexivo de ensinamento, Jesus responde a acusação dos fariseus: “Quem não tiver nenhum pecado, lance a primeira pedra”. Não tiveram resposta, a não ser deixar um por um aquele cenário. O único que poderia fazê-lo, a perdoou.

Nesse âmbito, entendemos que educar é um risco que temos que correr. Os discípulos de Cristo logo estariam sós. Eles teriam que aprender bem com o Mestre a enfrentar os oponentes do Evangelho. A maneira de fazer isto não seria os agredindo com a raiva que ora poderia sobrepor o lugar da razão, desviando todo o propósito de ensinamento da verdade ao inimigo, como também deixá-lo numa situação indefesa, embaraçosa, mas recompensadora para ele mesmo por causa do aprendizado em longo prazo do que é correto.

2.2.2 Busca pela justiça

Todavia, a *justa raiva* é aclamada nesse contexto. Faz parte da natureza humana este sentimento raivoso. Existem situações que não podemos ficar somente ensinando com palavras. As pessoas devem sofrer o choque de que devem despertar e mudar de atitude, de que as coisas não podem mais continuar acontecendo daquela maneira.

Está errada a educação que não reconhece na justa raiva, na raiva que protesta contra as injustiças, contra a deslealdade, contra o desamor, contra a exploração e a violência um papel altamente formador. O que a raiva não pode é, perdendo os limites que a confirmam, perder-se em raivosidade que corre sempre o risco de se alongar em odiosidade. (FREIRE, 1996)

A canalização da *justa raiva* é demonstrada através do próprio Cristo. Freire exemplifica esta citação com o episódio de “Cristo contra os vendilhões do Templo” (Freire, op cit, pág. 40). O Templo precisava ser visto como fonte de renda para comerciantes *ladrões* e oportunistas da época. A *purificação* do Templo era uma atitude a ser tomada com toda a força, o que Jesus fez muito bem. Com um chicote na mão ele derrubou as barracas que se posicionavam no pátio, e ensinou que a casa de Deus devia ser *casa de oração, não um covil de ladrões*.

Lembrem-se de que Jesus nunca pecou. Não há pecado nesses tipos de atitude. Há pecado em não fazê-lo. Não intervir numa situação como essa lutando por justiça. Esse é o sentido de que o Apóstolo Paulo aos cristãos em Éfeso: “Irai-vos, e não pequeis [...]”⁵ (ALMEIDA, 1970). Em circunstâncias de raiva visando a justiça, é necessário que o homem aprenda a canalizar sua raiva excessiva para a *justa raiva*.

Diante do contexto, entendemos que a defesa das ideias dos alunos abrange o crescimento do seu caráter, o enfretamento de seus medos, o preparo para o mundo.

A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de entender, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. (FREIRE, 1996)

2.3 Liberdade

A humanidade tem em sua História opressores e oprimidos, a lei do mais forte contra o mais fraco. Aquele que oprime governa sobre os demais, ou no mínimo tem esta intenção. Cabe acrescentar que o oprimido é desumanizado, colocado às margens do privilégio social, usado como *escada* para os outros se erguerem. Diante disso, a reação resultante à opressão na maioria das vezes constitui-se numa violência que intenciona sucumbi-la.

Entretanto, deve-se esclarecer que, a libertação deve ser buscada com um tipo de luta que não evidencie a mesma natureza do opressor. Essa é a atitude que fará a distinção entre ambos.

E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. (FREIRE, 1987)

O objetivo dessa luta é muito maior. Consequentemente, muito mais difícil de alcançar. *Restaurar a humanidade em ambos* é uma tarefa árdua, ensinada por Paulo aos Romanos: “Portanto, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe

⁵ Ef 4:26

de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas de fogo sobre a sua cabeça”⁶ (ALMEIDA, 1970). *Amontoar brasas de fogo sobre a cabeça* do inimigo é fazer que sua consciência *ferva*. Mesmo que não admita no momento, ele ficará atônito e reflexivo diante da reação do *oprimido* que outrora reagiria automaticamente com a mesma moeda. Somente os *oprimidos* têm o poder de ensinar essa lição.

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida. (FREIRE, 1987)

Observa-se que a capacidade de ler o mundo como ele é, está com os oprimidos. Como já também referido, o comportamento diante do mundo opressor é por demais necessário de extrema compreensão. Esta é adquirida naturalmente com a luta diária difícil de fazer a diferença na sociedade. Nesse tocante João Batista⁷ já ensinava

[...] Quem tiver duas túnicas, reparta com o que não tem, e quem tiver alimentos, faça da mesma maneira. E chegaram também uns publicanos, para serem batizados, e disseram-lhe: Mestre, que devemos fazer? E ele lhes disse: Não peçais mais do que o que vos está ordenado. E uns soldados o interrogaram também, dizendo: E nós que faremos? E ele lhes disse: A ninguém trateis mal nem defraudeis, e contentai-vos com o vosso soldo. (ALMEIDA, 1970)

Considerando-se que o oprimido toma para si esta reação, ele é o agente *salvador* dessa humanidade perdida. Isso significa que a restauração da sociedade depende dele e de sua conduta diante dos opressores. Cada um, independente da função, emprego ou ocupação, é convocado para libertar os cativos opressores de suas próprias ideias de conduta.

Por outro lado, a reação do opressor somente se mostra genuína quando ela se caracteriza por uma verdadeira mudança de atitude. Em outras palavras, esse *feedback*

⁶ Rm 12:20

⁷ Lc 3:11-14

existe na medida em que o opressor *compreende a mensagem* e direciona sua *práxis* em favor de ambos, não por piedade da *miserabilidade* do oprimido.

O opressor só se solidariza com os oprimidos quando o seu gesto deixa de ser um gesto piegas e sentimental, de caráter individual, e passa a ser um ato de amor àqueles. Quando para ele, os oprimidos deixam de ser uma designação abstrata e passam a ser os homens concretos, injustiçados e roubados. Roubados na sua palavra, por isto no seu trabalho comprado, que significa a sua pessoa vendida. Só na plenitude deste ato de amar, na sua existenciação, na sua práxis, se constitui a solidariedade verdadeira. Dizer que os homens são pessoas e, como pessoas, são livres, e nada concretamente fazer para que esta afirmação se objective, é uma farsa. (FREIRE, 1987)

Tal comentário nos recorda as palavras de Pedro, quando alertava os cristãos acerca dos opressores, “aqueles que segundo a carne andam em concupiscências de imundícia, e desprezam as autoridades; atrevidos, obstinados, não receando blasfemar das dignidades”⁸ (ALMEIDA, 1970). Estes ilustram o mundo de uma maneira sedutora com a intenção de atrair todos a fazerem suas vontades perversas. “Prometendo-lhes liberdade, sendo eles mesmos servos da corrupção. Porque de quem alguém é vencido, do tal faz-se também servo”⁹ (ALMEIDA, 1970). Ratificando a realidade antes analisada, consideramos que a mudança mente é o cerne da questão. Não compreender o que realmente acontece resultará no mecanicismo farisaico. Então um dia isso fica cansativo e tudo volta para o jeito que era antes.

Partindo desse pressuposto, os opressores têm o seu interesse claramente definido de, não somente criar situações favoráveis a si mesmos, mas também de mascarar a sua culpa.

Para os opressores, porém, na hipocrisia de sua “generosidade”, são sempre os oprimidos, que eles jamais obviamente chamam de oprimidos, mas, conforme se situem, interna ou externamente, de “essa gente” ou de “essa massa cega e invejosa”, ou de “selvagens”, ou de “nativos”, ou de “subversivos”, são sempre os oprimidos os que desamam. São sempre eles os “violentos”, os “bárbaros”, os “malvados”, os “ferozes”, quando reagem à violência dos opressores.

[...] Os opressores, violentando e proibindo que os outros sejam, não podem igualmente se; os oprimidos, lutando por ser, ao retirar-lhes o poder de oprimir e de esmagar, lhes restauram a humanidade que haviam perdido no uso da opressão.

Por isso é que somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores. Estes, enquanto classe que oprime, nem libertam, nem se libertam. (FREIRE, 1987)

⁸ II Pe 2:10

⁹ II Pe 2:19

Lutando contra todas as circunstâncias desfavoráveis que os cercam, os oprimidos são nomeados, como citado anteriormente, os únicos possuidores de capacitação necessária para, libertando-se, libertar também os opressores.

Merece destaque também o fato de que é possível enquadrar a profecia de Isaías cumprida na vinda de Cristo, a qual é uma esperança para esses guerreiros oprimidos.

O Espírito do Senhor é sobre mim, Pois que me ungiu para evangelizar os pobres. Enviou-me a curar os quebrantados do coração, A pregar *liberdade aos cativos*, E *restauração da vista aos cegos*, A pôr em *liberdade os oprimidos*, a anunciar o ano aceitável do SENHOR.¹⁰ (ALMEIDA, 1970, grifo nosso)

2.4 Cultura

Inicialmente, pude observar que o conhecimento do que é *cultura* se apresenta a Freire de uma maneira impactante. Não me refiro à etimologia da palavra *cultura*, preferivelmente à aptidão de enxergar a pluralidade cultural existente no meio social, a qual ainda luta para não continuar sendo tão ofuscada pela *cultura* das classes dominantes.

Num discurso sobre Piaget, e empolgado com o evento no SESI que se localizava em um bairro, digamos, não muito favorecido, Paulo Freire discorria falando num vocabulário bem distante da compreensão do povo, como também desatento “à realidade dura da imensa audiência que tinha em frente” (FREIRE, 1992).

Ao terminar, um homem jovem ainda, de uns 40 anos, mas já gasto, pediu a palavra e me deu talvez a mais clara e contundente lição que já recebi em minha vida de educador. [...] “Acabamos de escutar”, começou ele, “umas palavras bonitas do dr. Paulo Freire. Palavras bonitas mesmo. Bem ditas. Umas até simples, que a gente entende fácil. Outras, mais complicadas, mas deu pra entender as coisas mais importantes que elas todas juntas dizem”. “Agora, eu queria dizer umas coisas ao doutor que acho que os meus companheiros concordam.” Me fitou manso mais penetrantemente e perguntou: “dr. Paulo, o senhor sabe onde a gente mora? O senhor já esteve na casa de um de nós?”. Começou então a descrever a geografia precária de suas casas. A escassez de cômodos, os limites ínfimos dos espaços em que os corpos se acotovelam. Falou da falta de recursos para as mais mínimas necessidades. Falou do cansaço do corpo, da impossibilidade dos sonhos com um amanhã melhor. Da proibição que lhes era imposta de ser felizes. De ter esperança. Acompanhando seu discurso eu adivinhava os passos seguintes, sentado como se estivesse, na verdade, me afundando na cadeira, que ia virando, na necessidade de minha imaginação e do desejo de meu corpo em fuga, um buraco para me esconder. [...] Naquela noite, já dentro do carro que nos

¹⁰ Lc 4:18-19

conduziria de volta à casa, falei, um pouco amargo, a Elza que, só raramente não me acompanhando às reuniões, fazia excelentes observações que me ajudavam sempre. – Pensei que havia sido tão claro – disse eu. – Parece que não me entenderam. – Não terá sido você, Paulo, quem não os entendeu? – perguntou Elza, e continuou: – Creio que entenderam o fundamental de sua fala. O discurso do operário foi claro sobre isto. Eles entenderam você, mas precisavam de que você os entendesse. Esta é a questão. (FREIRE, 1992, p. 13-14)

Diante deste episódio ocorrido em meados de 1950, considera-se que o conhecimento do mundo se dá numa análise amplamente complexa das pessoas. Aliás, talvez por isso se diga que *cada cabeça é um mundo*. E naquela parte do *mundo*, na periferia do Vasco da Gama, no Recife, Paulo Freire começava a entendê-lo. Pouco tempo depois desse episódio ele refletiu:

Desde então, nunca mais, a relação chuva, verde, lama ou barro pegajoso deflagrou em mim o mal-estar que me afligiu durante anos. Sepultei-o na tarde chuvosa em que revisei Jaboatão. Ao mesmo tempo em que lidava com meu próprio problema, me entregava no SESI, com grupos de trabalhadores rurais e urbanos, a como passar de meu discurso sobre minha leitura do mundo a eles, a desafiá-los no sentido de que falassem sobre sua própria leitura. (FREIRE, 1992, p. 16)

O seu humano tende a carregar dentro de si os *ambientes* que fizeram parte de sua vida inteira, juntamente com suas experiências externas e internas. Consequentemente, compreender a cultura existente na localidade é essencial para qualquer tipo de trabalho.

A título de exemplo bíblico, primeiramente é oportuno dizer que Cristo usava o conhecimento do povo para falar a sua mensagem. As suas parábolas continham elementos populares (semente, dinheiro (dracma, talento), azeite)¹¹. Também elementos da natureza (relâmpago, lírios do campo, aves do céu)¹². Os acontecimentos que viraram notícia eram oportunos (torre de Siloé)¹³. Para alguns discípulos entenderem sua nova função ele usou a linguagem de seu antigo trabalho (pescadores de homens)¹⁴. O meio político teve seu lugar (dai a César o que é de César...)¹⁵. Em suma, Cristo também era do *povão* e as pessoas eram conquistadas pelo seu discurso, que conseguia até desarmar os *lhes* queriam prender (Nunca homem algum falou assim como este homem)¹⁶.

¹¹ Mt 13:24; Lc 15:8; Mt 25:14-30; Mt 25:1-15.

¹² Mt 24:27; Mt 6:28; Mt 6:26.

¹³ Lc 13:1-5

¹⁴ Mc 1:17

¹⁵ Mt 22:17-21

¹⁶ Jo 7:46

Essa *leitura do mundo*, declarada outrora por Freire, foi utilizada por Jesus do começo ao fim de seu ministério. O Mestre dos mestres continuou na mesma metodologia do Deus-Pai, que no Antigo Testamento ensina o seu povo a maneira certas de adorar, se comportar, o que agrada a Ele ou não. As verdades espirituais eram ensinadas as pessoas dentro de sua própria cultura. Podemos observar o exemplo de Abraão, o qual deu o dízimo (a Melquizedeque)¹⁷, prática esta vinda provavelmente de sua região natal, Ur dos Caldeus¹⁸ (na Babilônia). Observamos ainda a Páscoa que, por sua vez, leva consigo a credence dos pastores de gado de pequeno porte (ovelha, cabra) da época. Estes tinham o costume de sacrificar um animal antes de ir para outra região, invocando assim proteção contra os males que poderia encontrar pelo caminho (KILPP, 2009). Ambas as identidades culturais intrínsecas no povo hebreu, foram usadas por Deus para apontar para sua mensagem, a qual está acima de qualquer cultura.

Como mencionado anteriormente, a linguagem deve ser de acordo com a audiência. Entretanto, isso não significa o ensinar ou falar errado como ela, o que pode ser testemunhado pelo palestrante. Mas desfrutar da beleza que se mostra na compreensão de um povo que *mora* dentro de um desconhecido paradigma, o que revela um novo mundo a ser descoberto. Vejamos um episódio na vida de Paulo Freire que testemunha essa abertura cultural numa reunião dos camponeses do Chile avaliando a ação política.

Me impressionava, ora quando era informado nas reuniões de avaliação, ora quando presenciava como os camponeses se davam à análise de sua realidade local e nacional. O tempo sem limite de que pareciam precisar para amainar a necessidade de dizer sua palavra. Era como se, de repente, rompendo a "cultura do silêncio", descobrissem que não apenas podiam falar, mas, também, que seu discurso crítico sobre o mundo, seu mundo, era uma forma de refazê-la. Era como se comessem a perceber que o desenvolvimento de sua linguagem, dando-se em torno da análise de sua realidade, terminasse por mostrar-lhes que o mundo mais bonito a que aspiravam estava sendo anunciado, de certa forma antecipado, na sua imaginação. E não vai nisto nenhum idealismo. A imaginação, a conjectura em torno do mundo diferente do da opressão, tão necessários aos sujeitos históricos e transformadores da realidade para sua práxis, quanto necessariamente faz parte do trabalho humano que o operário tenha antes na cabeça o desenho, a "conjectura" do que vai fazer. Aí está uma das tarefas da educação democrática e popular, da Pedagogia da esperança – a de possibilitar nas classes populares o desenvolvimento de sua linguagem, jamais pelo blablablá autoritário e sectário dos "educadores", de sua linguagem, que, emergindo da e voltando-se sobre sua realidade, profile as conjecturas, os desenhos, as antecipações do mundo novo. Está aqui uma das questões centrais da educação popular – a da linguagem como caminho de invenção da cidadania. (FREIRE, 1992, p. 20)

¹⁷ Gn 14:18-20

¹⁸ Gn 11:31

No outro extremo, a cultura vem muitas vezes a marcar sua impressão na vida das pessoas, dizendo se a sua é importante ou não. O receptor naturalmente não-criticista tem a resposta automática do que a sua cultura é ou não é boa. Sendo a resposta negativa, a sua cultura e da sua classe é naturalmente dominada por outra. Pra não ficar excluído desse grupo maior ele passa a defender uma cultura que não é dele e a desprezar a sua.

Estávamos em pleno processo eleitoral para as eleições de governador do Estado de São Paulo, em 1982. Luiz Inácio Lula da Silva, Lula, era o candidato do Partido dos Trabalhadores e eu participei, como militante do partido, de algumas reuniões, em áreas periféricas da cidade, não em comícios, para os quais me sinto demasiado incompetente. Reuniões em salões de clubes recreativos ou de associações de bairro. Numa daquelas reuniões, um operário, de uns 40 anos, falou para criticar e contrapor-se à candidatura de Lula. Seu argumento central era que não lhe seria possível votar num igual a ele. “Lula”, dizia o operário convencido, “como eu, não sabe falar. Não tem o português precisado para ser governo. Lula não tem estudo, não tem leitura. Tem mais”, continuou, “se Lula ganhar, que vai ser de nós, do vexame da gente, se a rainha da Inglaterra vier aqui de novo, A mulher de Lula não tem cancha pra receber rainha. Não pode ser primeira-dama”. (FREIRE, 1992, p. 30)

A mensagem é clara: o outro é superior; a sua cultura é melhor; na minha classe operária não tem ninguém com jeito para desempenhar esse tipo de atividade. Se o Lula pensasse assim não teria sido presidente do Brasil respeitado pelo mundo inteiro, inclusive pela rainha da Inglaterra.

Por pensar de maneira diferente o Apóstolo Paulo pôde enfrentar os fariseus que se opunham à doutrina cristã. Ainda havia os judaizantes que não se conformavam com deixar a circuncisão, entre muitas práticas judaicas, para seguir a nova doutrina. Vale notar que o ensino de Cristo sempre procurou encorajar a perseverança diante da maioria que caminha numa direção errada: “Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos”¹⁹ (ALMEIDA, 1970). Freire ainda enfatiza a defesa dessa cultura de resistência, dizendo:

É neste sentido que volto a insistir na necessidade imperiosa que tem o educador ou educadora progressista de se familiarizar com a sintaxe, com a semântica grupos populares, de entender como fazem eles sua leitura do mundo, de perceber suas “manhas” indispensáveis à cultura de resistência

¹⁹ Mt 7:13; 22:14

que se vai constituindo e sem a qual não podem defender-se da violência a que estão submetidos.

Entender o sentido de suas festas no corpo da cultura de resistência, sentir sua religiosidade de forma respeitosa, numa perspectiva dialética e não apenas como se fosse expressão pura de sua alienação. Respeitá-la como direito seu, não importa que pessoalmente a recuse de modo geral, ou que não aceite a forma como é ela experienciada pelo grupo popular. (FREIRE, 1992, p. 55)

CONCLUSÃO

Considerando o exposto, não podemos deixar de vislumbrar a abundância da correlação da teologia nas obras pedagógicas do educador Paulo Freire. O resultado não poderia ser outro, a não ser a formulação de uma metodologia que é referência para os professores e estudantes brasileiros. Como também, desde então, abriu muitas portas para o conhecimento, outrora distante.

Assim, nos sentimos à vontade para expressar que, a compreensão do mundo para uma vivência educacional em diversas áreas da vida, particularmente para os brasileiros, deve-se, em boa parte, à obra de Paulo Freire, onde é possível encontrar uma essência de princípios teológicos cristãos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, João Ferreira de. **A Bíblia Sagrada**. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1970.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 24 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja cristã**. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/7076353/Paulo-Freire-Pedagogia-Da-Esperanca>>. Acesso em 16 jun. 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- KILPP, Nelson. O culto israelita. **Faculdades EST**. São Leopoldo, 2009. Disponível em: <<http://ead.est.edu.br/course/view.php?id=186>>. Acesso em 16 jun. 2010.
- MARTINS, Carlos Benedito. **O que é sociologia**. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção primeiros passos)
- STRECK, Gisela I. Waechter. **Escola comunitária: fundamentos e identidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- WACHS, Manfredo Carlos et al [Organizado por]. **Práxis do ensino religioso na escola: IV Simpósio de Ensino Religioso – 12 a 14 de abril de 2007**. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2007.